

O Antropoceno – um naufrágio com espectador?

Bernhard Sylla

Professor auxiliar

Centro de Ética, Política e Sociedade (CEPS), Universidade do Minho, Portugal

bernhard@ilch.uminho.pt

Resumo

O filósofo alemão Hans Blumenberg publicou, em 1979, uma análise detalhada sobre a “metáfora existencial” (“Daseinsmetapher”) do naufrágio com espectador. Esta análise enquadra-se, na vasta obra de Blumenberg, por um lado, num conjunto de estudos que incidem sobre metáforas paradigmáticas que marcaram fortemente o rumo dos pensamentos humanos. Por outro lado, encontram o seu fundamento teórico nas reflexões metaforológicas do autor. Três pressupostos blumenberguianos parecem-me, neste âmbito, importantes: (i) as metáforas fortes permitem que haja, ao longo da história do pensamento humano, variações surpreendentes e, frequentemente, imprevisíveis, sobre a sua primeira versão; (ii) estudar sob uma perspetiva histórica e simultaneamente topológica o desenvolvimento destas variações pode-nos esclarecer não apenas sobre o potencial já realizado, mas também sobre o potencial ainda não realizado destas metáforas; (iii) as metáforas exprimem uma forma peculiar de ‘trabalhar’ uma determinada problemática que não é entendível, racionalmente, em toda a sua extensão e profundidade. A análise blumenberguiana da metáfora do naufrágio com espectador vai da Antiguidade até a meados do século XX. O que se pretende apresentar nesta comunicação é, para além de uma breve síntese do estudo de Blumenberg, uma reflexão acerca de novas variações sobre esta metáfora que surgiram no século XXI no âmbito do debate sobre o Antropoceno, portanto num tempo que Blumenberg, falecido em 1996, já não vivenciava.

Palavras-chave: Blumenberg – Antropoceno – metáfora – metaforologia

Abstract:

The German philosopher Hans Blumenberg published in 1979 a detailed analysis of the “existential metaphor” (“*Daseinsmetapher*”) *shipwreck with spectator*. This analysis fits, in the vast work of Blumenberg, on the one hand, in a series of studies that focus on paradigmatic metaphors that strongly marked the direction of human thoughts. On the other hand, they find their theoretical basis in the metaphorological reflections of the author. Three Blumenbergian assumptions seem to me to be important: (i) strong metaphors allow surprising and often unpredictable variations on the first version throughout the history of human thought; (ii) to study from a historical and topological perspective the development of these variations can clarify not only the potential already realized but also the unrealized potential of these metaphors; (iii) metaphors express a peculiar way of ‘working’ a particular problematic that is not rationally understandable in all its extent and depth. The Blumenbergian analysis of the metaphor of the shipwreck with spectator goes from antiquity to the mid-twentieth century. In this paper I will focus, after a brief synthesis of Blumenberg’s essay, on new variations on this metaphor that emerged in the 21st century in the context of the debate on the Anthropocene, so in a time that Blumenberg, deceased in 1996, no longer lived.

Keywords: Blumenberg – Anthropocene – metaphor – metaphorology

Introdução

O filósofo alemão Hans Blumenberg publicou, em 1979, uma análise detalhada sobre a “metáfora existencial” (“*Daseinsmetapher*”) do naufrágio com espectador. Esta análise enquadra-se num vasto conjunto de estudos blumenberguianos sobre metáforas que encontram o seu fundamento teórico nas reflexões metaforológicas do autor. Três pressupostos blumenberguianos parecem-me, neste âmbito, importantes: (i) as metáforas fortes permitem que haja, ao longo da história do pensamento humano, variações surpreendentes e, frequentemente, imprevisíveis, sobre a sua primeira versão; (ii) estudar sob uma perspetiva histórica e simultaneamente topológica o desenvolvimento destas variações pode esclarecer-nos não apenas sobre o potencial já realizado, mas também sobre o potencial ainda não realizado destas metáforas; (iii) as metáforas exprimem uma

forma peculiar de ‘trabalhar’ uma determinada problemática que não é entendível, racionalmente, em toda a sua extensão e profundidade.

A análise blumenberguiana da metáfora do naufrágio com espectador inicia-se na Antiguidade, estendendo-se até meados do século XX. O que se pretende apresentar neste artigo é, para além de uma breve síntese do estudo de Blumenberg, uma reflexão acerca de novas variações sobre esta metáfora que surgiram no século XXI no âmbito do debate sobre o Antropoceno, portanto num tempo que Blumenberg, falecido em 1996, já não vivenciou.

Antes de iniciar a nossa análise da metáfora do naufrágio com espectador, é útil atentar em duas notas preliminares.

(i) Blumenberg considera as metáforas fortes, por vezes também denominadas de “absolutas”¹, como manifestações de um trabalho que pode ser designado de filosófico, porque resulta da preocupação humana com problemas fundamentais da sua existência. Estes problemas advêm de um embaraço fundamental da nossa razão, pois parecem ser, em última instância, inescrutáveis e irresolúveis, ou seja, todas as respostas a estes problemas são eternamente provisórias.² Uma vez que as metáforas brotam do embaraço existencial, a sua escolha e articulação parecem estar aquém de um ato deliberado e plenamente consciente. A este propósito, Blumenberg traz à colação um dito wittgensteiniano, segundo o qual a própria filosofia seria “algo que assenta no privilegiar de certas metáforas sem razão suficiente para a sua escolha” (Blumenberg, 1990, p. 116).³ Parece então que as metáforas e as reflexões filosóficas procuram ambas, por vias distintas, inquirir sobre problemas inquietantes que nos têm acompanhado desde os primórdios da nossa existência. Contudo, segundo Blumenberg, uma destas vias, a da metafísica, esgotou-se. O fim da metafísica, proclamado repetidamente no final do século XX, levaria, assim Blumenberg, naturalmente ao aumento do interesse nas metáforas: “A perda da metafísica traz as metáforas de volta ao seu lugar” (Blumenberg, 1999, p. 193).

(ii) Ainda que haja, indiscutivelmente, segundo Blumenberg, um desenvolvimento na exploração das metáforas, este não ocorre de um modo linear. O aparecimento de

¹ O termo *metáfora absoluta* é empregue por Blumenberg na fase posterior dos seus estudos metaforológicos, sobretudo em “Perspectiva sobre uma teoria da inconceptualidade” (“Ausblick auf eine Theorie der Unbegrifflichkeit”), pequeno texto que, já na edição original, afigurava como último capítulo de *Naufrágio com Espectador* (cf. Blumenberg, 1990, pp. 103s.). Sobre a distinção de duas fases no desenvolvimento da metaforologia em Blumenberg, veja-se Mende (2009).

² Cf. Bragança de Miranda (1990, p. 14), que diz no seu prefácio à tradução da obra de Blumenberg: “Ora, Blumenberg vai mostrar que (...) todas as posições são parcelares, são respostas possíveis a problemas permanentes (e cuja problematicidade na maioria das vezes derive de serem ‘respostas’ ilusórias a problemas impossíveis).”

³ Blumenberg não indica o texto de Wittgenstein onde consta este dito.

novas variantes nunca é previsível. Parece que cada elemento constituinte alberga um número surpreendente de potenciais sentidos e funções diferentes, e o mesmo é válido para as combinações dos sentidos. As mudanças que estes sentidos podem sofrer consistem em variações e até inversões do sentido conhecido, mas também em transformações mais radicais no decurso das quais alguns dos elementos constituintes da metáfora podem desaparecer do conjunto dos elementos fundamentais, e novos podem surgir. Embora o desenvolvimento da exploração de uma metáfora permaneça imprevisível, isto não significa que seja totalmente contingente. Segundo Blumenberg, as mudanças são, geralmente, motivadas. Estas motivações decorrem de dois planos diferentes, por um lado da história das ideias (*Geistesgeschichte*) e do seu desenvolvimento, por outro lado das realidades fácticas da nossa praxis.⁴ Blumenberg distancia-se tanto da visão husserliana de uma teleologia inerente à história da praxis humana assim como da visão foucauldiana ou nietzschiana de uma genealogia contingente da mesma. Não obstante essa motivação das mudanças de sentido, o seu rumo estará sempre sujeito a reviravoltas imprevisíveis. Daí que o surgimento de novas variantes da metáfora do naufrágio com espectador em finais do século XX e inícios do século XXI, na suposta nova era do Antropoceno, seja tão interessante.

2. A metáfora do naufrágio com espectador – variações do seu sentido

Após estas notas preliminares debruçar-me-ei agora, nesta segunda parte da minha análise, sobre os aspetos do ensaio blumenberguiano que considero mais relevantes e que fundamentam as considerações da terceira parte da minha análise.

Primeiramente usada por Lucrécio em *De Rerum Natura*⁵, a metáfora do naufrágio com espectador assenta no cenário básico de um qualquer naufrágio, cujos elementos constituintes são o navio, a sua tripulação, o timoneiro e o mar, encontrando-se os navegantes em perigo de vida. A este cenário é acrescentada a figura do espectador que está em terra firme – na primeira versão de Lucrécio: na praia – e que observa, à distância, a calamidade do naufrágio.

⁴ Este é um pressuposto que Blumenberg sustenta em todas as suas obras, mas que alcança mais visibilidade nos seus escritos sobre a técnica, onde Blumenberg realça que não é apenas pelo lado do ‘espírito’ – ou seja, pelo trabalho das metáforas paradigmáticas e dos conceitos –, mas também pela *facticidade das condições materiais da nossa praxis* que se molda aquilo que designamos de ‘mundo’. Veja-se, a título de exemplo, Blumenberg (2009, pp. 78s.).

⁵ Veja-se o Proémio ao Segundo Canto (ou Segundo Livro, segundo alguns tradutores), do qual possuímos várias traduções para o português. Conferi a de Antonio [sic] José de Lima Leitão (Lucrecio [sic], 1851, p. 81).

Este cenário, ainda que tenha uma certa complexidade porque envolve vários elementos distintos, parece ser, mesmo assim, bastante simples. Afigura-se-nos difícil imaginar que possua suficiente profundidade para se tornar numa metáfora inesgotável sobre o enigma da nossa existência. Mas a aparência engana, dada a vasta gama de variações que esta versão básica sofreu ao longo da história. Restrinjo-me, no que se segue, a indicar⁶ três tipos de exploração desta metáfora que surgiram no decurso da história ocidental.

2.1. Variações da versão básica

Na versão básica, a tensão entre os dois elementos da terra firme e do mar agitado reflete-se nas personagens do espectador e dos naufragantes. Lucrécio, fiel às doutrinas de Epicuro e Demócrito, apresenta a metáfora para realçar a procura da felicidade na *ataraxia*, i. e., a entrega à teoria que liberta o sábio do *pathos*, típico estado de alma do homem comum que, preso na ignorância e miséria, procura aguentar-se no mar das paixões. Esta versão sofreu, mais tarde, transformações, pois permitia interpretar duas oposições, nomeadamente, a oposição entre espectador e naufragante e a oposição entre mar revoltado e terra firme.

As variações, que chamarei agora de primeira ordem, são aquelas que preservam as correlações ontológicas da versão básica, mas alteram a sua valorização. Darei apenas um exemplo. Quando o mar representa o facto de estarmos expostos ao perigo de morte, nada mais óbvio do que identificar o mar com o mal, e o navegante como o defensor do bem contra o mal. Por outro lado, existe sempre a outra opção, igualmente óbvia, de associar ao mar a noção de natureza selvagem, uma espécie de entidade divina ou *terra inviolata*, cujos mistérios e cuja superioridade devem ser respeitados. Se se optar por esta segunda opção, a navegação torna-se um pecado, uma violação de uma entidade divina, originada por um excesso de curiosidade humana, cuja ousadia se transforma em frivolidade e blasfémia. Blumenberg analisou minuciosamente em muitas das suas obras, sobretudo em *A Legitimidade da Idade Moderna*⁷ e em *A Génesis do Mundo Copernicano*⁸, mas também em vários dos seus escritos sobre a técnica⁹, o processo lento que levou da estigmatização da curiosidade como pecado mortal, na Idade Média, à sua apreciação a

⁶ A minha categorização dos tipos de mudança afasta-se ligeiramente da metodologia mais destacadamente histórica de Blumenberg, porque tenta generalizar, mais do que o próprio Blumenberg o faz, a topologia das mudanças.

⁷ Título da versão original: *Die Legitimität der Neuzeit* (Blumenberg, 1997).

⁸ Título da versão original: *Die Genesis der kopernikanischen Welt* (Blumenberg, 1985).

⁹ Cf. Blumenberg (2015).

partir dos séculos XIV e XV. No seu ensaio sobre a metáfora do naufrágio com espectador, Blumenberg aborda esta fase apenas em algumas poucas páginas (Blumenberg, 1990, pp. 25-29) que, no entanto, bastam para mostrar que a transformação na apreciação da curiosidade e ousadia do navegante, e sobretudo a do timoneiro, resultou numa inversão da valorização dos papéis iniciais, acabando o timoneiro por ser visto como sábio da praxis, como versátil, culto e formado, capaz de assegurar o curso do barco mesmo em situações de perigo elevado. Desta forma, o timoneiro passa a ocupar o papel que era inicialmente desempenhado pelo espectador, tornando-se este último disponível para receber um papel novo. Uma variante da apreciação do timoneiro que remonta à Antiguidade, (sobretudo a Horácio), e que deve ser considerada precursora desta perspectiva interpretativa, identificava o timoneiro do barco com o governador do Estado, como soberano que sabe manter o barco do Estado fora do alcance das tempestades.

2.2. Subjectivização e estetização da metáfora

Uma transformação mais radical da exploração da metáfora do naufrágio com espectador acontece, segundo Blumenberg, como consequência da viragem epistemológica na Idade Moderna que colocava o sujeito no foco da atenção filosófica. Multiplicam-se as associações ao teatro, associações essas que a própria metáfora naturalmente sugere, mas que resultam numa espécie de interiorização do seu conteúdo. Enquanto o naufrágio se transforma em experiência virtual, em mera representação estética, as reflexões sobre o espectador põem em relevo os seus sentimentos morais e estéticos. Levanta-se o debate sobre o conjunto de sentimentos heterogêneos evocados quando se assiste, de longe e de um lugar seguro, a um naufrágio ou a uma outra qualquer catástrofe. Citando autores como Montaigne, Voltaire, Galiani e Fontanelle, Blumenberg dá conta de um debate sobre este misto de sentimentos e a sua avaliação. No âmbito deste debate, não escapava a Montaigne que a compaixão se entrelaça com sensações agradáveis, a indiferença com a perversidade, o horror com o prazer da destruição.¹⁰ Voltaire, atentando na curiosidade do espectador de catástrofes, afirma que este sentimento não é especificamente humano, mas um sentimento que o homem partilha com os animais não humanos.¹¹ Galiani, por

¹⁰ “Não é que não tínhamos compaixão perante o que vemos e ouvimos. Mas ver a nossa compaixão excitada pela catástrofe e posta em jogo, provoca-nos sensações mesmo assim agradáveis.” (Montaigne [*Essais* III], *apud* Blumenberg, 1990, p. 31).

¹¹ “É apenas a curiosidade que leva os homens a contemplar da margem o barco em aflição no mar. (...) Só esta paixão é que leva os homens a subir às árvores para assistir às carnificinas de uma batalha ou a uma execução pública. Ela não é uma paixão especificamente humana, mas sim uma paixão que é comum tanto ao homem, como ao macaco e aos cachorros.” (Blumenberg, 1990, p. 55, parafrazeando Voltaire).

sua vez, retorque a Voltaire que a curiosidade é especificamente humana, porque é apenas possível em situações artificiais, onde a segurança está totalmente assegurada. Tal não acontece em situações naturais onde o perigo pode surgir, a qualquer momento, mas apenas nas situações ficcionais que o espetáculo teatral nos oferece.

Blumenberg aborda a interpretação schopenhaueriana da metáfora como uma interpretação pós-iluminista que leva a interiorização e estetização ao extremo, tornando-se o espectador uma figura ambígua, simultaneamente sujeito empírico frágil, exposto aos poderes da natureza, e sujeito transcendental, “imperturbado espectador deste espetáculo”, “sujeito tranquilo e eterno do conhecimento” e “portador deste mundo inteiro” (Schopenhauer *apud* Blumenberg, 1990, p. 82). A frase schopenhaueriana, citada por Blumenberg – “A grandeza do mundo, que antes nos preocupava, repousa agora em nós, a nossa dependência dela é agora superada pela sua dependência de nós.” (Schopenhauer *apud* Blumenberg, 1990, p. 83)¹² – não podia ser mais clara para demonstrar esta tendência dos séculos XVIII e XIX que desloca o cenário topológico da metáfora do naufrágio com espectador para a esfera interior do ser humano.

Em pleno século XIX, esta tendência para a subjetivação dos *topoi* da metáfora perdeu a sua atração. Por um lado, regista-se uma maior consciência da interdependência das esferas subjetivas e objetivas, por outro lado surge, pela primeira vez,¹³ a ideia da vulnerabilidade da Terra. Blumenberg refere, neste âmbito, Jakob Burckhardt, consagrado historiador alemão do século XIX, que escreveu em 1871: “Logo que nos tornamos conscientes da nossa situação, encontramos-nos num barco mais ou menos frágil que navega sobre uma de milhões de vagas. Todavia, também se poderia dizer: Nós somos em parte essa vaga.” (Burckhardt *apud* Blumenberg, 1990, p. 91). Esta variante está longe de poder ser interpretada como subjetivação extrema, pois a frase que, no texto de Burckhardt, imediatamente precede a anterior demonstra claramente a consciência que Burckhardt tem do papel do exterior: “Que fique em aberto quanto tempo o nosso planeta ainda suportará a vida orgânica e com que rapidez, depois do seu entorpecimento devido ao desaparecimento dos carbonatos e da água, a telúrica humanidade desaparecerá.”

¹² Todos os trechos schopenhauerianos citados por Blumenberg são extraídos da sua obra *Die Welt als Wille und Vorstellung (O Mundo como Vontade e Representação)*.

¹³ Obviamente, não se pode excluir a possibilidade de haver outros autores que possam ter antecedido Burckhardt na sua visão da vulnerabilidade da Terra no seu todo, e com isso da espécie humana. Que não é uma preocupação que surgiu apenas em finais de século XX mostrou, por exemplo, também Sloterdijk (2016, pp. 20ss.), que refere a obra de Wilhelm Ostwald, *Der energetische Imperativ (O Imperativo Energético)*, de 1912, onde encontramos uma visão sobre a ameaça do sistema Terra muito semelhante à de Burckhardt.

(*ibid.*). Esta variação, no entanto, apenas prepara um outro tipo mais radical de variações, que veio a articular-se ao longo do século XX até aos nossos dias.

2.3. Eliminação de um dos elementos chave da topologia da metáfora

Este tipo de variações distingue-se dos tipos anteriores pela característica da supressão ou eliminação de um dos elementos chave da metáfora. Blumenberg analisou uma vasta gama de variações, sendo que, todas elas, partem do princípio de que já não existe terra firme, o que, no entanto, não implica necessariamente não poder haver espectador. Embora este tipo de interpretação se torne paradigmático apenas no século XX, não quer isto dizer que não haja antecipações deste tipo em épocas anteriores. Blumenberg menciona, em primeiro lugar, Nietzsche, que proclama, em *A Gaia Ciência*, o desaparecimento da terra firme de uma forma evidentíssima: “Nós abandonámos a terra e fomos para o barco! Nós quebrámos a ponte atrás de nós, ainda mais, quebrámos a terra atrás de nós! Agora, barquinho! Tem cautela! ...e não existe mais ‘terra’!” (Nietzsche *apud* Blumenberg, 1990, p. 33), mas teria sido nos *Pensées* de Pascal onde Nietzsche encontrou a articulação desta ideia (*ibid.*).

Topologicamente, o desaparecimento de terra firme pode ser compensado de duas formas: ou se procura outra terra, ou seja, um lugar longínquo no universo, para o espectador – também esta variante teve várias antecipações; segundo Blumenberg (1990, p. 51), foi talvez Fontenelle, nos *Diálogos sobre a pluralidade dos mundos*, de 1657, o inaugurador desta variante – ou se tenta fazer o melhor desta situação e construir um substituto para a falta do porto seguro. Este substituto é o próprio barco, que deve ser construído de maneira a resistir a todos os naufrágios e perigos. Não havendo, no entanto, nenhuma terra firme onde se possam ir buscar novos materiais de construção, em caso de avarias, devem-se reutilizar os materiais do próprio barco para eventuais reparações ou reconstruções. Esta variante, usada inicialmente, por Otto Neurath e outros autores (cf. Blumenberg, 1990, pp. 95-101), com referência à linguagem, será aproveitada, nos tempos do Antropoceno, para referir a situação ecológica. Neste âmbito, salientam-se duas opções que dizem respeito ao modo como se pode lidar com a falta de terra firme: ou ficamos tranquilos e serenos, na convicção de que temos experiência e *know-how* suficientes que nos permitem reagir a uma qualquer ameaça, convicção essa que resulta de uma autoconfiança elevada, sustentada sobretudo na confiança depositada na eficácia das nossas habilidades tecnológicas; ou, e eis a segunda opção, gera-se uma insegurança enorme que leva ao pânico. Os últimos exemplos que Blumenberg abordou no seu ensaio

e que datam dos anos 50 e 60 do século XX, inspiram todos eles essa autoconfiança na capacidade de enfrentar com êxito os desafios da situação de um risco permanente. Quando Blumenberg cita Lorenzen, um linguista alemão de meados do século XX, esta citação parece aplicar-se não apenas à linguagem, mas à situação existencial em geral:

“Se não há terra firme que possa ser atingida, o barco tem de ter sido previamente construído no alto mar; não por nós, mas pelos nossos antepassados. Estes sabiam, portanto, nadar, e construíram – talvez de um madeiro à deriva –, primeiro, sem dúvida uma jangada, depois foram sempre aperfeiçoando-a até ela se tornar o navio confortável de hoje, de tal modo, que nós já não temos a coragem de nos atirar à água e de começar de novo desde o início.” (Lorenzen *apud* Blumenberg, 1990, p. 100).

Após a morte de Blumenberg e a viragem do milénio, esta autoconfiança viria dar cada vez mais lugar à segunda opção, na qual mal se pode esconder o pânico e a insegurança que a situação da falta de terra firme inspira.

3. A metáfora do Naufrágio com Espectador no Antropoceno

A metáfora do naufrágio com espectador não perdeu a sua fascinação nos tempos mais recentes, onde foi, frequentemente, associada à problemática da nossa existência na suposta nova era do Antropoceno. A meu ver, verifica-se neste uso recente da metáfora o surgimento de um novo tipo de variações. Pretendo primeiro (3.1) descrever este novo tipo de variações, terminando a minha análise (3.2.) com uma reflexão sobre traços paradoxais destas variações.

3.1. O novo tipo de variações da metáfora do naufrágio com espectador

Com alguns antecedentes que remontam ao século XX, os usos da metáfora do naufrágio com espectador no âmbito do debate sobre o Antropoceno revelam o surgimento de uma nova característica paradigmática: a conceção da Terra como nave espacial sem exterior. Esta nave corre o perigo de avariar, porém não tem saídas de emergência. Esta nova variação transforma, mais uma vez, a relação entre os quatro principais elementos topológicos da metáfora. Para além da falta de terra firme ocorre uma segunda transformação radical pela qual a instância do mar é deslocada para o interior do navio. A nave espacial acaba por reunir e amalgamar duas precariedades, a dos seres humanos

e a da própria Terra. Para além disso, os papéis do navegante e do espectador fundem-se. No fundo, já não pode haver espectador, mas apenas navegante.

Consequentemente, a ameaça não mais advém das forças elementares de uma natureza não completamente controlável, mas da debilidade de um artefacto técnico. Este artefacto deixou de ter um ambiente e tornou-se, literalmente, total. O facto, expresso pela metáfora, de que a constituição geológica da Terra se tornou um artefacto mostra não apenas a arrogância exorbitante do homem, mas também que, qualquer que seja o perigo, este emana sempre de um estado tecnológico absoluto. Na maioria dos usos desta variante enfatiza-se que o principal perigo reside no facto de que, embora o homem tenha construído a nave, não sabe realmente como é que esta funciona. Ainda mais grave, ele está já a ser confrontado com avisos emitidos pelo sistema de segurança da nave sobre a existência de falhas técnicas.

Havendo apenas uma única nave e nenhum exterior, é evidente que a reparação da nave se torna um assunto da máxima importância, incomparável com a ideia habitual de reparação. A ameaça que está a ganhar perfil não é a de uma catástrofe entre outras, mas de uma única catástrofe singular e total. Tornando-se o perigo total, já não se pode, no fundo, falar de uma oposição entre perigo e segurança, visto que qualquer suposta segurança apenas pode ser provisória e/ou ilusória. Não obstante este quadro profundamente desolador, alguns usos desta variante da metáfora ainda identificam a posição do homem enquanto navegante com a posição do mais forte, i.e., daquele que possui o poder e que sabe agir.

Refiro, no que se segue, alguns autores que exemplificam usos desta nova e mais recente variante da nossa metáfora.

- Sloterdijk, num texto recente (Sloterdijk, 2016), refere o livro de Buckminster Fuller, com o título *Operating Manual for Spaceship Earth*, publicado já em 1968, onde a identificação da Terra com uma nave espacial é feita explicitamente. Sloterdijk reclama não apenas a atualidade desta metáfora no âmbito do debate sobre o Antropoceno, mas alerta ainda, à sua maneira, para a impossibilidade de sair da nave e escapar assim ao perigo do seu naufrágio. Segundo Sloterdijk, somente agora reparamos que não há nem nunca houve manual de instruções para a nave. O homem, se quer fazer face às ameaças de uma potencial avaria, deve aprender de modo autodidata. O que, no entanto, agrava a situação é que, em vez de os navegantes reunirem forças neste projeto autodidático, eles mostram tendências francamente autodestrutivas, situação que

Sloterdijk descreve, à sua maneira e usando a nossa metáfora, com as seguintes palavras: “O tratamento que o homem confere ao seu planeta parece-se, assim, com um filme de catástrofe, onde dois bandos da máfia, a bordo de um avião numa altitude de doze mil metros, se envolvem em combates mortíferos com armas de grande calibre.” (Sloterdijk, 2016, p. 37).

- Timothy Morton, autor de várias obras sobre a ecologia nos tempos do Antropoceno e defensor de uma *object-oriented-ontology* baseada no pressuposto de que, no fundo, apenas existem os chamados híperobjetos, desenha uma imagem semelhante. Nós, seres humanos, não estamos nem no centro do mundo, nem na sua periferia, de modo a podermos observar o nosso mundo.¹⁴ Muito antes, barco e mundo são uma e a mesma coisa. Este barco-mundo, em Morton, é um barco equipado com armas e tecnologia poderosa, mas é precisamente este equipamento que leva o barco, a toda a velocidade, ao naufrágio total, que já está em fase de se consumir.¹⁵ Também não falta aqui o amalgamento de interior e exterior: o iceberg contra o qual o navio chocará, faz parte do próprio navio.
- Também Jedemiah Purdy, no seu recente livro, galardoado com o prémio Pulitzer, *After Nature: A Politics for the Anthropocene*, exprime, recorrendo à nossa metáfora, um ceticismo profundo, quando diz: “Enquanto a economia tratar as emissões de gases de efeito de estufa e a exaustão do solo como gratuitas e o sistema legal permitir operações de alimentação em massa e matadouros de agricultura industrial, uma boa dose de mudança de consciência significará nada mais do que misturar móveis de cabines da primeira e da segunda classe do Titanic.”¹⁶ Como a formulação no condicional deixa já prever, o próprio Purdy acredita que o ser humano ainda pode encontrar uma saída deste perigo iminente, desde que uma mudança de consciência seja suportada e auxiliada por políticas ambientais eficientes e executadas a nível mundial.

¹⁴ “No: we are not in the center of the universe, but we are not in the VIP box beyond the edge, either.” (Morton, 2013, p. 22).

¹⁵ “The ship of modernity is equipped with powerful lasers and nuclear weapons. But these very devices set off chain reactions that generate yet more hyperobjects that thrust themselves between us and the extrapolated, predicted future. Science itself becomes the emergency break that brings the adventure of modernity to a shuddering halt. But this halt is not in front of the iceberg. The halting is (an aspect of) the iceberg. The fury of the engines is precisely how they cease to function, seized up by the ice that is already inside them. The future, a time <after the end of the world,> has arrived too early.” (Morton, 2013, p. 24).

¹⁶ “As long as the economy treats greenhouse-gas emissions and soil exhaustion as free and the legal system permits the mass feeding operations and slaughterhouses of industrial agriculture, a good deal of changed consciousness will mean no more than shuffling furniture between the first-class and second-class cabins of the Titanic.” (Purdy, 2015, p. 350).

- Já no ano de 1966, portanto algumas décadas antes do surgimento do discurso sobre o Antropoceno, Kenneth Boulding usou a metáfora da nave espacial Terra para chamar a atenção para a necessidade de inverter uma economia designada de aberta, baseada no consumo irrestrito e irresponsável de recursos naturais, transformando-a numa economia designada de fechada, orientada na contenção rigorosa do consumo, devido à limitação e exclusividade do espaço da nave espacial (Boulding, 1966).
- Uma variante bastante diferente reside numa inversão da mensagem principal da metáfora. Quem está realmente ameaçado não é, em primeira instância, o homem, mas a Terra. Esta versão, que subjaz a muitas das chamadas *Gaia-Stories*, eleva o estatuto e valor da Terra acima do homem e encontra-se apenas a um passo das teorias ecofascistas que representam o homem como intruso, como vírus perigoso ou como cancro da Terra, defendendo que apenas alguns elementos humanos superiores poderão sobreviver. Nestas versões, o sistema Gaia desempenharia o papel de uma nave espacial perfeita, se não existisse o ser humano que está nela. A atual calamidade do Antropoceno consiste no facto de a nave espacial Gaia procurar desesperadamente encontrar meios para se defender contra o intruso ‘homem’ que ameaça o seu bom funcionamento. Entre outros pensadores foi Bruno Latour que adotou esta variante. Não admira, pois, que Latour, num texto recentemente publicado onde faz uso da metáfora do naufrágio com espectador, aclame a superioridade de Gaia sobre quaisquer meios tecnológicos: “Uma nave espacial não muda todas as suas partes à medida que avança. Somente Gaia o consegue fazer.”¹⁷

3.2. Reflexões críticas

Nesta última parte da minha análise, sustentarei que as variantes deste último tipo de exploração da metáfora do naufrágio com espectador são artificiais, sem prejuízo do mérito da sua finalidade de nos sensibilizar para a envergadura do perigo que estamos a enfrentar na era do Antropoceno. A artificialidade advém, a meu ver, da eliminação da perspectiva exterior do espectador e da terra firme que entra em conflito com o modo como intuimos o espaço e com a lógica do nosso imaginário. Suspeito daí que o uso destas variantes possa surtir realmente o efeito pretendido, e julgo que, no fundo, quereremos

¹⁷ “A spaceship does not change all its parts as it goes along. Gaia does.” (Latour, 2013, p. 66).

sempre contornar a sua mensagem. Exporei brevemente o que me leva a sustentar esta tese.

No que diz respeito à nossa concepção do espaço, parece-me óbvio que não podemos imaginar um espaço absoluto, sem exterior, que seja ao mesmo tempo limitado. Ou seja, é paradoxo e imaginativamente impossível conceber as entidades Terra ou nave espacial como entidades espacialmente absolutas e simultaneamente limitadas. Não admira, pois, que a solução que primeiramente está à vista, a da fuga do nosso planeta quando este se tornar inabitável, ocupe não apenas a imaginação de numerosos realizadores de filmes de ficção científica, mas também de escritores, políticos e magnatas da economia mundial. Para além desta opção de uma simples fuga, que faz uma forte concorrência natural à paradoxal mensagem da metáfora, existe uma outra opção, menos simples do que a da fuga.

Esta outra opção parece adaptar-se bem ao nosso imaginário. Ela resigna-se à ideia de que os tempos onde ainda havia lugares seguros na Terra acabaram, e contenta-se com uma solução provisória que se parece com uma tática de guerrilha. Se bem que não haja certamente lugares seguros garantidos nesta Terra, ainda não chegamos à situação extrema da falta de lugares seguros *temporários*. Estes lugares somente temporariamente seguros estão e estarão, obviamente, à disposição apenas daqueles que possuem maior flexibilidade motora e acesso privilegiado aos recursos materiais e financeiros. Quando uma catástrofe assola um lugar, vai-se para outro, ou compra-se outro, ou ocupa-se outro. Suponho que quase todos nós, imaginativamente, já abraçamos esta ideia ou a sua variante ingénuas, que consiste na convicção de que o lugar onde vivemos é um dos poucos lugares que tem a preciosa característica paradoxal de ser um lugar temporariamente seguro por tempo infinito. Estar num lugar seguro e confortável quando outros sofrem e temem pela sua vida faz parte do nosso imaginário habitual, e é difícil imaginar que isto, algum dia, poderá mudar.

Uma terceira opção que tende para desmentir a mensagem radical da metáfora reside no fortalecimento da nossa autoconfiança na possibilidade de encontrar meios tecnológicos suficientemente hábeis para enfrentar e superar qualquer ameaça que surja. Esta opção não é nenhuma novidade, é pelo contrário bastante antiga. Como começou a ser abalada apenas recentemente, não deixou de vigorar entre os seres humanos, o que talvez seja natural e, quem sabe, importante. Mas também os defensores desta opção devem, ao que tudo indica, apostar, mais cedo ou mais tarde, ou na tática da fuga, ou na

tática de guerrilha para poderem continuar a alimentar a sua crença no poder do *homo faber*.

A lógica da intuição do espaço que, como vimos, se opõe intuitivamente à ideia da extinção do lugar da terra firme e do espectador, é, se não estou em erro, suportada pela lógica da nossa imaginação psicológica. A encenação totalmente conseqüente da falta da perspectiva exterior é-nos praticamente impossível de pensar ou de experienciar, mesmo que virtualmente. Qualquer catástrofe que aconteça deve, necessariamente, permitir a sua observação, caso contrário simplesmente não existe para nós. Ainda assim, existe como que uma ânsia de observar catástrofes, e quanto maiores as suas dimensões, mais intenso promete ser o efeito sobre os nossos sentimentos. No assento cómodo do cinema podemos até tentar experienciar a situação de uma aniquilação total, mas esta experiência sempre nos permitirá regressar às nossas vidas normais. Talvez a forma mais autêntica de evocar uma experiência da aniquilação total seja a exposição do sentimento aquando da certeza sobre a sua chegada combinado com a ausência da representação da sua realização final, tal como intentado por Lars von Trier em *Melancholia*. Mas, a ironia deste filme reside na sublime contradição de que o próprio filme, com alegaram vários críticos¹⁸, inspira não apenas horror e pavor, mas também um elevado prazer, e este é, inevitavelmente, o do espectador. A necessidade humana de se agarrar à possibilidade da observação de naufrágios tem também uma explicação fácil, pois sem a mediação, entendida num sentido lato, e a conseqüente possibilidade da distanciação nenhum conteúdo pode ser fixado ou pensado. Por outro lado, o fenómeno da curiosidade sensacionista, já discutido na época das Luzes em torno desta metáfora, aponta ainda para a existência de uma lógica perversa. A ânsia de poder ser espectador de catástrofes é cada vez mais difícil de satisfazer, e já começou, nos *media* e nas redes sociais, uma espécie de competição pelas imagens mais horrendas e mais terríveis, que parece corroborar teorias biológicas, psicológicas e filosóficas que sustentam a existência de um processo autoimunitário, uma espécie de suicídio desejado ou impulso da morte, cuja lógica aponta para a destruição do próprio sistema imunológico como última hipótese que resta para salvar a vida.¹⁹

Estas breves reflexões corroboram as pressuposições metaforológicas de Blumenberg. As metáforas fortes advêm de um embaraço existencial que nos acompanha

¹⁸ “Lars von Trier prova ser um excelente apocalíptico com *Melancholia*. O fim do mundo dá-lhe obviamente prazer.” (Busche, 2011); “«Melancholia» é mais cativante, o que significa que a mensagem cruelmente humana – repugnância mundana e o desejo (e, simultaneamente, prazer) de aniquilar toda a vida – se insinua na consciência como uma cobra. O olho pode ser facilmente seduzido. E Lars von Trier oferece, com «Melancholia», uma grande ópera (...)” (Knoben, 2011).

¹⁹ Veja-se, a título de exemplo, Derrida (1996).

ao longo de séculos e milénios. Esperemos que haja ainda mais alguns séculos ao longo dos quais o ser humano possa disfrutar a companhia das suas metáforas.

Bibliografia

Blumenberg, H. (1985). *Die Genesis der kopernikanischen Welt* (2.^a ed.). Frankfurt/M.: Suhrkamp.

Blumenberg, H. (1990). *Naufração com Espectador* (pref. J. A. Bragança de Miranda; trad. M. Loureiro). Lisboa: Vega.

Blumenberg, H. (1997). *Die Legitimität der Neuzeit* (3.^a ed.). Frankfurt/M.: Suhrkamp.

Blumenberg, H. (1999). *Paradigmen zu einer Metaphorologie*. Frankfurt/M.: Suhrkamp.

Blumenberg, Hans (2009). *Geistesgeschichte der Technik* (eds. A. Schmitz & B. Stiegler). Frankfurt/M.: Suhrkamp.

Blumenberg, H. (2015). *Schriften zur Technik*. Berlin: Suhrkamp.

Boulding, K. (1966). The Economics of the Spaceship Earth. In H. Jarrett (ed.), *Environmental Quality in a Growing Economy: essays from the sixth RFF Forum* (pp. 3-14). Baltimore: Johns Hopkins Press.

Bragança de Miranda, J. A. (1990). Apresentação de Hans Blumenberg. In H. Blumenberg, *Naufração com Espectador* (pp. 7-15). Lisboa: Vega.

Buckminster Fuller, R. (1968). *Operating Manual for Spaceship Earth*. Carbondale: Southern Illinois University Press.

Busche, A. (2011). Sieht nicht gut aus. *Der Freitag*, 5. Oktober 2011. Disponível em: <https://www.freitag.de/autoren/der-freitag/sieht-nicht-gut-aus>

Derrida, J. (1996). Foi et savoir: les deux sources de la «religion» aux limites de la simple raison. In J. Derrida & G. Vattimo (Eds.), *La religion* (pp. 9-86). Paris/Rome: Seuil/Laterza.

Foldager, M. L. & Vesth, L. (Produtores) e von Trier, L. (Dir.) (2011). *Melancholia* [Filme]. New York: Magnolia Pictures.

Knoben, M. (2011). Geil, der Weltuntergang ist da! *Süddeutsche Zeitung*, 5. Oktober 2011. Disponível em: <https://www.sueddeutsche.de/kultur/neuer-film-von-lars-von-trier-schoenster-weltuntergang-des-planeten-1.1155320>

Latour, B. (2013). *Facing Gaia: Six Lectures on the Political Theology of Nature*. Disponível em: <https://docs.google.com/file/d/0BxeTjgod3jSSSXZHTU9Yb3FIYms/edit>

Lucrecio Caro, T. (1856). *A Natureza das Coisas* (trad. A. J. de Lima Leitão). Lisboa: Ferreira de Mattos. Disponível em: https://books.google.pt/books?id=3d49AAAACAAJ&pg=PA1&hl=pt-PT&source=gbs_toc_r&cad=3#v=onepage&q&f=false

Mende, D. (2009). Vorwort: Begriffsgeschichte, Metaphorologie, Unbegrifflichkeit. In A. Haverkamp & D. Mende (eds.), *Metaphorologie. Zur Praxis von Theorie* (pp. 7-32). Frankfurt/M.: Suhrkamp.

Morton, T. (2013). *Hyperobjects. Philosophy and Ecology after the End of the World*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

Purdy, J. (2015). *After Nature: A Politics for the Anthropocene*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Sloterdijk, P. (2016). *Was geschah im 20. Jahrhundert?* Frankfurt/M.: Suhrkamp.